

ANC e LEE

Prado desiste de explicar afastamento

Da Reportagem Local
e da Sucursal do Rio

Depois de ha-
ver prometido,
para as 17h de
ontem, em São
Paulo, uma nota
respondendo às



notícias de que estaria demissionário da secretaria geral da Comissão Provisória de Estudos Constitucionais, o professor Ney Prado desistiu da intenção. O afastamento seria consequência do rompimento da quase totalidade dos membros da comissão com o professor, em consequência das críticas que fez aos trabalhos do órgão na redação do anteprojeto de Constituição. Em artigo publicado esta semana pela revista "Manchete", Prado classifica o trabalho de casuístico, preconceituoso e socializante.

Prado havia informado à Folha, ontem às 13h20, em sua casa, no bairro do Morumbi (zona sul da cidade), que estava redigindo uma nota de explicações e que a divulgaria às 17h. As 17h20, sua mulher, da Regina, telefonou dizendo que o professor tivera que sair às pressas para um congresso de filósofos que se realiza na Faculdade de Direito da USP, no largo de São Francisco (zona central da cidade) e que só falaria na segunda-feira de manhã, pois ia viajar.

Procurado no congresso de filósofos, Prado não foi encontrado. O professor Miguel Reale, 75, presente ao congresso e um dos membros da comissão, disse que nada sabia sobre o afastamento do professor, mas observou: "Demitir-se do que se os trabalhos da comissão já acabaram?"

Segundo Reale, Prado, ao fazer suas críticas, "não soube distinguir o que era bom e mau no anteprojeto. Eu mesmo escrevi artigos apontando

os pontos positivos e negativos do trabalho", disse. Como pontos negativos, apontou "a falta de controle e dispensa do supérfluo". Como positivos, indicou a "declaração dos direitos individuais, a estrutura federativa, o sistema tributário, o Poder Judiciário e a defesa das instituições".

Divergências antigas

O cientista político Hélio Jaguaribe disse ontem no Rio que as divergências entre Prado e a comissão são antigas e se acentuaram na véspera do "esforço concentrado" de julho, quando as reuniões plenárias foram realizadas em Itaipava (66 km a noroeste do Rio). Naquela ocasião, Prado escreveu artigos em vários jornais, "não compatíveis com as funções de secretário" da comissão, na opinião de Jaguaribe. Ele acha que as críticas ao trabalho não poderiam ser tornadas públicas por seu secretário e que "teria sido oportuno que o afastamento tivesse ocorrido antes".

Segundo Jaguaribe, Prado não estava autorizada a entregar para a revista "Manchete" o texto do anteprojeto de Constituição elaborado pela comissão. Jaguaribe acha que a atitude de Ney Prado foi "deselegante" e "grosseira". Disse ainda que, além disto, o texto entregue não é o definitivo e deverá sofrer modificações no estilo e na sua estrutura.

Afonso Arinos de Melo Franco, presidente da comissão, não quis comentar ontem o afastamento de Ney Prado, mas disse que considera a publicação do texto antes da entrega ao presidente José Sarney, prevista para o próximo dia 18, uma "indelicadeza". Arinos afirmou que, na quarta-feira à noite, quando tomou conhecimento da publicação do texto, ligou para Ney Prado e "em termos corteses" disse ao professor que "a situação era difícil".



Afonso Arinos de Melo Franco



O secretário da Comissão, Ney Prado

Quem é o professor Ney Prado

Cabelos muito pretos —como se tivessem sido tingidos—, voz mansa e ar gentil, o paulista Ney Prado, 56, podia ser encontrado, no princípio deste ano, vagando pelos gabinetes dos ministros militares, em Brasília. Com os ministros do Exército, Leonidas Pires Gonçalves, e da Marinha, Henrique Saboia, ele tem um relacionamento que beira a amizade pessoal.

Batismo de fogo

Ex-chefe da Divisão Política do Colégio Interamericano de Defesa —instituição criada em meio ao clima de guerra fria entre os Estados Unidos e a União Soviética, no pós-guerra—, diplomado pela Escola Superior de Guerra (ESG), Ney Prado teve seu batismo de fogo na política do então ministro do Interior, Mário David Andreazza, que tentou —e não conseguiu— ser o candidato do PDS à sucessão presidencial.

Nesse episódio, as teorias políticas de Prado terminaram engolidas pela disputa frenética e puramente clientelista em que se envolveram as candidaturas Andreazza e Maluf. Demonstrando pouca sintonia com a realidade política da época, Prado deu-se ao trabalho de preparar para o ex-governador do Paraná Paulo Pimentel —coordenador político da campanha andreazzista— uma rigorosa lista de todos os convencionais que considerava corruptos, desonestos ou, simplesmente, não-confiáveis —isto é, gente que, apesar da promessa de votar no ministro do Interior, poderia terminar dando seu voto para Maluf. Pimentel recebeu a listagem, agradeceu e guardou-a numa pasta de couro marrom, que mantinha sobre sua mesa de trabalho. Naquele mesmo dia, a lista foi para o lixo. (RL)